

**JORGE LUIS BORGES E MACHADO DE ASSIS OU
A DIALÉTICA ENTRE O LOCAL E O UNIVERSAL NO CONTEXTO
LITERÁRIO LATINO-AMERICANO**

RITA DE CÁSSIA M. DIOGO

Professora Doutora de Literaturas Hispânicas do Instituto de Letras da UERJ. Se dedica atualmente à pesquisa sobre a literatura e o cinema latino-americanos contemporâneos, sob projeto cadastrado na Pós-graduação desta instituição. Ministra cursos no Mestrado em Letras, desde 2005. É supervisora do Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César, onde orienta trabalhos de tradução-versão Português-Espanhol/Español-Português

Ainda que contemporâneos de diferentes contextos históricos e sociais, sabemos que Borges e Machado de Assis foram alvo de severas críticas que questionavam o sentimento nacional destes escritores. Seja pelo cultivo da tradição romântica ou pela consciência de dependência e atraso em relação às tendências metropolitanas, o fato é que a atividade intelectual na América Latina manteve-se, por um longo período, atada ao projeto de construção e de libertação nacional. A presença do colorido local era uma forma de dar feição, de delinear um rosto individual e único, a países recém-independentes, nos quais a busca de legitimidade se dava por meio de um duplo processo: literário e político. Neste sentido, nacional e literário se convertiam em dois lados de uma mesma moeda: ou se reflete a nação ou não há literatura, determinando, a partir desta opção, a pertinência ou não de dado escritor ao cânone literário¹. Talvez este fato não se revestisse de tanta importância se não tivesse sido exatamente essa a situação vivida tanto por Borges, na Argentina, como por Machado de Assis, no Brasil.

¹ LIMA, Luis Costa. **O fingidor e o sensor: no ancien régime, no iluminismo e hoje**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Entre os críticos que mais se esmeraram em apontar o espírito nacional como uma falta dentro da obra de Machado de Assis está Silvio Romero, como podemos observar no seguinte fragmento:

"Deu-se, entretanto, uma espécie de disparate (...): uma pequena elite intelectual separou-se notavelmente do grosso da população, e, ao passo que esta permanece quase inteiramente inculta, aquela, sendo em especial dotada da faculdade de aprender e imitar, atirou-se a copiar na política e nas letras quanta coisa foi encontrado no Velho Mundo, e chegamos hoje ao ponto de termos uma literatura e uma política exóticas, que vivem e procriam em uma estufa, sem relações com o ambiente e a temperatura exterior."²

Como vemos, ao mesmo tempo que confirma a relação entre, de um lado a política e a literatura, e de outro, o sentimento de nacionalidade, Silvio Romero parece confundir transcendência do nacional com cópia das letras estrangeiras. Ou seja, o que não reflete o colorido local não passa de imitação, e como tal não deve ser identificado com a literatura nacional, colocando assim em questão o estatuto de Machado de Assis como um verdadeiro escritor.

Já, no século XX, este mesmo questionamento praticamente se repetirá em relação aos textos de Borges. Um dos críticos que se empenhou nesta polêmica foi Nestor Ibarra, que entre suas colocações, observava:

"En último examen, su lucidez escudriñadora de todo oculto engaño, su sensualidad de gustador de argucias, de sabedor de toda refinada reticencia, de toda sabrosa renunciación, lo alejan irrevocablemente de la patria. Lo alejan tanto que es dado preguntarse si ese bizantino, ese preciosista, ese casi narcisista es, con todo su talento, lo que esencialmente precisa nuestro país."³

Assim, por trás de seu tom irônico, Ibarra utiliza-se de todas as qualidades próprias de Borges, autor original com uma esplêndida habilidade para manejar a linguagem, para então desconstruí-las (ou destruí-las) sob o rótulo de 'narcisista', alheio não só à pátria,

² ROMERO, Silvio. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Laemmert & C. 1897.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

como também ao mundo. Ainda que não ousando qualificá-lo de imitador, tal como acusaram Machado, observa que o escritor argentino inventa mundos totalmente alienados da realidade de seu país, revelando-se assim como dispensável para a nação/literatura argentina. A acusação posterior, a de deixar-se influenciar por autores europeus, é praticamente uma consequência natural, que vem ao encontro da já comentada confusão na qual tais críticos se baseavam, ou seja, relacionar ausência de colorido nacional com servilismo ao estrangeiro, talvez por sua incapacidade de identificar a dialética entre o local e o universal, que ambos escritores tão bem souberam empreender. Nas palavras de R. Doll:

"Primero, por su carencia de tono afectivo, porque quien como él prefiere helarse las entrañas y la cabeza antes de correr el riesgo de dejar adivinar sus emociones en un lugar común o una frase demasiado suelta, podrá tener de los buenos escritores europeos ilustres influencias, pero jamás dejará escrita una página argentina, con sus vicios, pero con sus encantos."⁴

É bom observar que não estamos invalidando a crítica de Doll quanto às influências européias na obra de Borges. O que nos parece impertinente em sua colocação é a impossibilidade da convivência entre o nacional e o estrangeiro, como se os dois termos fossem incompatíveis.

Tão ou mais interessante que analisar estas críticas é nos voltarmos para as respostas que as mesmas mereceram de tais escritores, e então verificaremos que, assim como há semelhanças entre os argumentos críticos de Silvio Romero, Nestor Ibarra e R. Doll, há também muitos pontos em comum entre as colocações de Machado de Assis e as de Borges.

Em seu ensaio *Instinto de nacionalidade*, Machado diagnostica esta obsessão pelo nacional e sua relação com a esfera política, presente nas letras brasileiras:

³ Citado por LIMA, L. C. (1988) p. 258.

⁴ Citado por LIMA, L. C. (1988) p. 259.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

"Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país (...) Meu principal objeto é atestar o fato atual; ora, o fato é o instinto de que falei, o geral desejo de criar uma literatura mais independente."⁵

Se comparamos com o texto de Borges *El escritor argentino y la tradición*, observaremos que a forma com que o autor critica esta preeminência do nacional na literatura é bem mais contundente que a de Machado. Ou seja, ainda que não acolhendo o que ele chama de 'instinto de nacionalidade' na literatura brasileira, Machado encontra no contexto de afirmação e consolidação da independência política do país uma justificativa para o mesmo. Borges, por outro lado, vive já no século posterior à independência da Argentina, num contexto, no qual muitas das estratégias políticas de consolidação da independência já haviam sido vivenciadas e diagnosticadas como deficientes, entre elas, o cultivo de uma literatura de cor local ou a relação literatura/política, que agora parecia servir mais à manutenção do poder das elites conservadoras que propriamente com um projeto de autêntica emancipação. Assim, o autor inicia o seu ensaio caracterizando aquele cultivo como uma simples retórica:

"Quiero formular y justificar algunas proposiciones escépticas sobre el problema del escritor argentino y la tradición. Mi escepticismo no se refiere a la dificultad o imposibilidad de resolverlo, sino a la existencia misma del problema. Creo que nos enfrenta un tema retórico, apto para desarrollos patéticos; más que de una verdadera dificultad mental entiendo que se trata de una apariencia, de un simulacro, de un seudoproblema."⁶

Tanto Machado quanto Borges passarão, então, a reivindicar o direito de escrever livremente, sem ter de prender-se aos estereótipos definidos como reveladores do espírito nacional, o direito de serem universais sem deixar de pertencer a uma nação e à sua

⁵ ASSIS, Machado de. **Crítica literária**. Rio de Janeiro/São Paulo/ Porto Alegre: W.M. Jackson, 1946.

⁶ BORGES, Jorge Luis. *El escritor argentino y la tradición*. In: **Discusión**. Argentina: Emecé, 1989.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

literatura. Assim, ambos remetem-se a Shakespeare, como o símbolo da dialética entre o nacional e o universal. Observemos este fragmento de Machado:

"...e perguntarei mais se o **Hamlet**, o **Otelo**, o **Julio Cesar**, a **Julieta e Romeu** têm alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto, Shakespeare não é, além de um genio universal, um poeta essencialmente inglês."⁷

Comparemos agora com as palavras de Borges:

"Creo que Shakespeare se habría asombrado si hubieran pretendido limitarlo a temas ingleses, y si le hubiesen dicho que, como inglés, no tenía derecho a escribir **Hamlet**, de tema escandinavo, o **Macbeth**, de tema escocés."⁸

Ainda quanto às semelhanças entre as argumentações de Machado e as de Borges, é interessante apontar que ambos reconhecem as limitações que tanto o 'instinto de nacionalidade' do primeiro, quanto este apego à 'tradicón argentina' do segundo, imprimem ao trabalho do escritor. Machado expressa-o nas seguintes palavras:

"Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais de nossa literatura."⁹

Borges finaliza seu ensaio transmitindo-nos o caráter artificial de uma literatura apegada ao colorido local, que acabará por forjar um ser nacional, que só existirá enquanto ficção, ou seja, se converterá num simples simulacro:

"Por eso repito que no debemos temer y que debemos pensar que nuestro patrimonio es el universo; ensayar todos los temas, y no podemos concretarnos a lo argentino para ser argentinos: porque o ser argentino es una fatalidad y en ese caso lo seremos de cualquier modo, o ser argentino es una mera afectación, una máscara.

⁷ ASSIS, M. de (1946) p. 139.

⁸ BORGES, J.L. (1989) p. 156.

⁹ ASSIS, M. de (1946) p. 138



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Creo que si nos abandonamos a ese sueño voluntario que se llama la creación artística, seremos argentinos y seremos, también, buenos o tolerables escritores."¹⁰

Como vemos, Machado e Borges, autores latino-americanos, ainda que distanciados pelo tempo, foram criticados pelos mesmos motivos, o que nos leva a pelo menos duas conclusões: a primeira é quanto às respostas destes escritores às críticas recebidas, ou seja, Machado revelou, mais uma vez, ser um escritor que estava além de seu tempo; a segunda se refere às críticas propriamente ditas, isto é, ao colocar o sentimento nacional de Borges em questão, tal como havia sido feito com o escritor brasileiro no século passado, a história prova que o tempo nos trópicos parece continuar passando muito devagar.

¹⁰ BORGES, J. L. (1989) p. 162

